

**REFLEXÕES SOBRE A ORTOGRAFIA
NO CONTO "TIO JACINTHO",
DE ISMAEL DE LIMA COUTINHO:
UMA ABORDAGEM
A PARTIR DA HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA**

Fernanda Viana de Sena

Giselle Vasconcelos dos Santos Ferreira

Nataniel dos Santos Gomes

1. Introdução

Seguindo a historiografia da ortografia da língua portuguesa, percebe-se que, em tempos, ela sofria mudanças. As palavras tinham ápices de entusiasmo sob influência etimológica ou tendiam à primitiva simplicidade. Uma das particularidades da variabilidade ortográfica portuguesa decorre do fato dessa representar a fala que é dinâmica e varia de acordo com o contexto. Diante do reconhecimento da falta de uniformidade da língua escrita e a partir dos estudos da ortografia portuguesa, o trabalho de Gonçalves Viana, *Ortografia Nacional*, tem servido de viés teórico a todas as reformas com tendência simplificadora. Não se pode tratar de ortografia hoje sem render homenagens ao foneticista luso. (COUTINHO, 1976)

O escopo desse capítulo é articular um estudo diacrônico da ortografia da língua portuguesa no século XX, nos moldes da ortografia vigente na obra de Ismael de Lima Coutinho, o conto "Tio Jacintho"¹. Esse conto faz parte dos seis contos anotados ou revisados pelo autor, inclusive com um índice (cuja folha se partiu, perdendo-se a segunda metade), em que eles são relacionados para uma possível publicação, sob o pseudônimo de João das Chagas. Provavelmente os contos foram escritos entre 1919 e 1925, durante o período de quase dez anos que Ismael de Lima Coutinho viveu em reclusão no Seminário São José, em Niterói, dos dezessete aos vinte e seis anos de idade. (SILVA, 2011)

O estudo está assentado nas gramáticas de Eduardo Carlos Pereira e Evanildo Bechara. Esta que, por sua vez, traz as normas ortográficas vigentes, o acordo ortográfico de 1990 e aquela que serviu de recurso e suporte aos nomes da literatura nacional, especificamente, Ismael de Lima Coutinho.

Notabiliza-se que a língua é a mesma, o que mudou foi a modalidade escrita da língua portuguesa. Essa mudança é, apenas, uma convenção social com objetivos políticos, não representa, assim, um problema linguístico. Não obstante, esse fato faz com que obras anteriores à nova ortografia causem um certo desconforto por parte daqueles que não conheceram a ortografia vigente no momento em que a obra de Ismael de Lima Coutinho foi redigida. E àqueles que investigam essa metamorfose, o fenômeno de comparação traz ao pesquisador evidências do contexto ortográfico presente na obra citada e, além disso, é possível, precipuamente,

¹ Disponível em: <http://www.filologia.org.br/homenageados/ic/tio_jacinto_conto.pdf>.

identificar as mudanças ocorridas na escrita da língua portuguesa. A ortografia não é uma preocupação dos usuários dessa modalidade, mas a simplificação/unificação da escrita entre os países que utilizam a língua portuguesa sempre foi um intento meramente político e econômico.

Ismael de Lima Coutinho, ao escrever seus contos e poesias, seguia a norma ortográfica da gramática de Eduardo Carlos Pereira. Mas, a partir de estudos linguísticos e trabalhos no magistério, elaborou sua obra *Pontos de Gramática Histórica*. No tocante às regras ortográficas, nada havia mudado até então. Portanto, há semelhanças entre a *Gramática* de Ismael de Lima Coutinho e a de Eduardo Carlos Pereira. Ambos falam dos fundamentos de Gonçalves Viana. No próximo item, apresentaremos os sistemas da ortografia segundo Eduardo Carlos Pereira.

2. A ortografia na *Gramática Expositiva* de Eduardo Carlos Pereira

Segundo Eduardo Carlos Pereira², o termo ortografia (grego orto = correta / grafia = escrita) é a transcrição de vocábulos aceita por bons escritores de uma língua. A ortografia ata-se à fonética, assim como a língua falada à escrita. A dificuldade, desde então, é estabelecer um padrão diante dos matizes da ortografia, Eduardo Carlos Pereira reconhecia essa dificuldade de se conceber um padrão de ortografia. Tanto em sua gramática histórica quanto em sua gramática expositiva, trata dos sistemas: fonético, etimológico

² As definições e citações de Eduardo Carlos Pereira foram atualizadas de acordo com o sistema ortográfico vigente.

e misto ou usual. Cada sistema de ortografia possui uma característica e representa um contexto, fazendo com que escritores se adaptassem às tendências e, até mesmo, modificando-as. Isso fazia com que a ortografia passasse por oscilações.

2.1.Sistema fonético

Burggraff (*apud* PEREIRA, 1935) afirma que a grafia ou a arte de escrever, tem passado por quatro fases evolutivas: figurativa, simbólica, ideológica e fonética. Esta última surge com o advento da invenção da escrita e, presumivelmente, o sistema primitivo teve suas ocorrências em documentos da nossa língua. Havia, nesse período, manifestações dúbias de algumas palavras, como é o caso de *hidade/idade/ydade* e *homem/omem/ome*, as produções oriais eram representadas pelas escritas e estas variavam de acordo com o tempo e a geografia. Necessariamente, o que importava, no sistema fonético, era coincidir cada fonema com uma letra. Justamente por não haver um padrão de ortografia estabelecido, os usuários dessa modalidade escreviam como falavam, a constante mudança de pronúncia determinava a variedade ortográfica.

2.2.Sistema etimológico

Eduardo Carlos Pereira afirma em sua *Gramática Histórica* que o sistema etimológico é mais um pendur do que um sistema, a grafia não representava exatamente os sons, porém era determinada pela forma histórica originária. Os vocábulos desse contexto enquadravam-se segundo os grupos consonantais homogêneos ou

geminados – formados por consoantes idênticas *ll, ff, bb, cc, gg*, entre outros – e heterogêneos, formados por consoantes diversas *pt, ct*, entre outros. Esse sistema encontrou grandes dificuldades, pois havia o desconhecimento da origem dos vocábulos (*metter, fallar esculptura, astma, character*) e os erros ortográficos frequentes eram determinados por falsas etimologias.

2.3.Sistema usual ou misto

Nesse período objetivou-se harmonizar as normas ortográficas entre Brasil e Portugal. E era de se esperar que os utilizadores mesclassem os sistemas ortográficos fonético e etimológico devido à falta de uniformidade da escrita. Essa combinação marcaria o início de um novo sistema com tendência híbrida resultante de sistemas anteriores. Alguns escritores utilizavam rigorosamente a etimologia e outros tendiam à fonética.

Ismael de Lima Coutinho (1938) desenvolve sua obra *Pontos de Gramática Histórica* e esclarece a historicidade da ortografia sob a mesma ótica de Eduardo Carlos Pereira. A seguir apresentaremos os períodos da ortografia segundo Ismael de Lima Coutinho, já que é o autor do conto que serviu de base para o *corpus* do presente capítulo.

3. Períodos da ortografia segundo Ismael de Lima Coutinho

Ismael de Lima Coutinho desenvolve seus estudos gramaticais a partir das gramáticas expositivas e históricas de Eduardo Carlos Pereira. Faremos a abordagem da *Gramática Histórica* de

Ismael de Lima Coutinho justificando as tendências que ele utilizou no conto "Tio Jacintho". Segundo o filólogo, a história da nossa ortografia divide-se em três períodos: o fonético, o pseudoetimológico e o simplificado.

3.1.Período fonético

No período fonético, as palavras eram grafadas mais ou menos de acordo com a pronúncia, entretanto, ocorriam manifestação do tipo: *hidade/idade/ydade*, sem nenhuma sistematização criteriosa. Em alguns momentos, havia uma certa infidelidade gráfica, pois o material produzido pela fala não era recepcionado de igual modo entre os ouvintes, a partir daí, cada um escrevia de acordo com aquilo que escutava. Nesse período não havia um padrão na transcrição das palavras. Num documento, às vezes, apareciam os mesmos vocábulos grafados de modo diferente, como pode ser observado em *homem/omem/ome*. Diante disso, a preocupação fonética transparecia a cada momento. A escrita era a representação da fala, uma imagem acústica percebida e representada graficamente.

O objetivo dos escritores ou copistas da época era facilitar a leitura, dando ao leitor uma impressão, tanto quanto possível da língua falada (COUTINHO, 1976). Por mais que a escrita avançasse entre os usuários, era improvável que esta acompanhasse a evolução da língua oral que, por sua vez, aufere constantes transformações. Este período começa com os primeiros documentos redigidos em português e estende-se até o século XVI. A fim de elucidar o período, a escrita fonética assemelha-se ao momento da al-

fabetização de uma criança que não domina a ortografia de sua língua, ela escreve como fala.

3.2. Período pseudoetimológico

O eruditismo dos séculos XVI a XVIII era a dominação desse período da escrita. Havia a preocupação etimológica dos vocábulos que, muitas das vezes, não coincidiam com a real origem desses. Portanto, duplicavam-se as consoantes intervocálicas e inventavam-se símbolos extravagantes, a pretexto de uma aproximação artificial com o grego e o latim, esse fato possui um critério pretensioso que contrariava a própria evolução das palavras.

O objetivo desse tipo de grafia era respeitar as letras originárias das palavras, mesmo que tais letras não representassem nenhum fonema, como é o caso do h nos vocábulos *Contrahido*, *comprehendeu*, entre outras ocorrências no conto. O que caracteriza este período é o emprego de consoantes geminadas *aquella*, *effeitos* e insonoras, de grupos consonantais chamados gregos *Jacinto*, *apotheose*.

Inicia-se no século XVI, esse momento, com os primeiros tratados de ortografia. Pêro de Magalhães de Gândavo publica *Regras de Escrever a Ortografia da Língua Portuguesa* e Duarte Nunes do Leão, *Ortografia da Língua Portuguesa*. No século XVII, surgem Álvaro Ferreira de Vera, autor da *Ortografia ou Modo para Escrever Certo na Língua Portuguesa* e João Franco Barreto, que publica a *Ortografia da Língua Portuguesa*. Madureira Feijó, no século XVIII, publica a *Ortografia ou Arte de Escrever e Pronunciar com Acerto a Língua Portuguesa* e Monte

Carmelo é o autor de *Compêndio de Ortografia*. (COUTINHO, 1976)

Nesse período ortográfico, não só os novos vocábulos entraram no léxico com aspecto alatinado, mas também os vocábulos antigos. As palavras *dino*, *benino* e *malino*, por exemplo, receberam a letra -g- e passaram a ser escritas e pronunciadas assim: *digno*, *benigno* e *maligno*. A princípio apenas um sinal etimológico, vindo do latim, que pseudoetimologistas restabeleceram em tais palavras. Além da suposta influência latina, houve uma vasta imitação ortográfica do francês, no momento em que surge o Renascimento. Ou seja, escritores nacionais tendiam para o formalismo europeu a fim de moldar o estilo literário nativo ao que estava em ascensão.

3.3.Período simplificado

No terceiro período, que assinala a renovação dos estudos linguísticos em Portugal, Aniceto dos Reis Gonçalves Viana, foneticista, depois de algumas tentativas, consegue apresentar um sistema racional de grafia, com base na história da língua. De conformidade com os princípios por ele estabelecidos, há dois sistemas simplificados: o português e o luso brasileiro.

Brasil e Portugal, por intermédio de seus governos, começaram a pensar nos chamados acordos ortográficos, a fim de desfazer a indecisão na escolha de um ou outro tipo ortográfico, simplificando, contudo, ao máximo o sistema de grafia. Nessa fase, Gonçalves Viana determina os princípios que devem regular qualquer sistema de simplificação. São estabelecidos, segundo Ismael de

Lima Coutinho (1976), os seguintes princípios: Total eliminação dos símbolos de etimologia grega, *th*, *ph*, *ch*, *rh*, *y*. Redução das consoantes dobradas, com exceção do *rr* e *ss* mediais, que têm valores peculiares. Eliminação de consoantes nulas, quando não influenciam na pronúncia da vogal que as precede. No conto de Ismael de Lima Coutinho, conta-se com tais manifestações: *esculptural*, *distinctamente*, *direcções*. Regularização da acentuação gráfica.

Entende-se com a exposição fundamentada diacronicamente que, basicamente, o período simplificado orienta-se pela pronúncia, fator fonético, pela etimologia e pelo elemento histórico, este que por sua vez, adquiriu-se ao longo do caminho que a própria língua percorreu.

Em 1911, Brasil e Portugal estabeleceram suas reformas, seguindo caminhos diferentes (DUARTE, 2003). Em 1931, tentaram realizar um acordo, porém o projeto não avançou. O Brasil passou a adotar o sistema ortográfico de 1943 e Portugal de 1945. Em 1990 estabeleceu-se um novo acordo ortográfico para pôr fim à duplicidade da ortografia portuguesa, o acordo entrou em vigor em 2009, porém foi estabelecido um prazo de adaptação para os livros didáticos inserirem as modificações necessárias e para os usuários da língua portuguesa acostumarem-se com a nova realidade da modalidade escrita.

4. Fenômenos abordados: o uso do *h*, *th*, *ph* e das consoantes geminadas em Eduardo Carlos Pereira

Os fenômenos de uso do *h*, *th*, *ph*, e das *consoantes geminadas* são recorrentes no conto de Ismael de Lima Coutinho. Todavia a gramática expositiva de Eduardo Carlos Pereira, gramática

da época, faz uso desses fenômenos e não justifica tais fenômenos. Apenas na gramática histórica do autor, a proscrição absoluta dos símbolos gregos é citada e o h aparece, em português arcaico, sem razões etimológicas, como exemplo, *he, ho, ha, hum, hontem, hombro, húmido*, atualmente, *é, o, a, um, ontem e úmido*. Eduardo Carlos Pereira (1946, p. 21) diz que “suprime-se o h dos grupos *ph, rh, th: filosofia, retórica, entusiasmo*”. A partir de estudos anteriores à gramática de Eduardo Carlos Pereira, podemos observar que há respaldos para tais usos nos estudos de Duarte Nunes Leão em sua obra *Ortografia e Origem da Língua Portuguesa*. A seguir, iremos desenvolver as justificativas dos fenômenos ortográficos, de acordo com Duarte Nunes Leão, já que Eduardo Carlos Pereira apenas apresenta as regras, sem uma explicação.

4.1.O uso do h, th e ph

Segundo Duarte Nunes Leão (1576, p. 59), “o *h* não é letra mais que na figura. Junto a letras, é uma aspiração ou assopro”. Os portugueses não utilizam a aspiração na pronúncia, mas na escrita. Exemplo disso é: *homem, honra, hora*, entre outros. Mesmo que não ocorra a aspiração, a ocorrência do *h* era necessária para guardar a ortografia dos nomes latinos e gregos, a fim de se conhecer a origem e etimologia dos vocábulos.

Interessante é notar que a localização do *h* junto a vogais e a consoantes ocorre de maneiras distintas. O *h* antecede as vogais, como *homem, hora, honra*, e sucede as consoantes, como *Philosofia, Theologia*. Essa notação não abrange as interjeições *ah!* e *oh!* (Significativas de temor e admiração).

4.1.1. **Contraído, compreendeu**

Percebemos no conto de Ismael de Lima Coutinho a ocorrência de *h* em sílaba tônica junto a vogal *i* – a palavra é *contraído* (latim *contraho, -ere, reunir, juntar, diminuir, apertar, causar*). A justificativa do *h* nesse caso é, apenas, para marcar a origem, etimologia latina do vocábulo.

Observamos também a palavra *compreendeu*, composição latina a partir da preposição *cum* (com- em companhia de) e o verbo *prehendo, -is, -di, -sum, prehendere* (agarrar, apanhar).

4.1.2. **Jacinto, apotheose**

Duarte Nunes Leão afirma que o *th* dos gregos aspirado nas dicções gregas é usado em *Theologia, Theórica, Thomás*, os portugueses não acrescentaram ao alfabeto nem os Latinos ao seu.

A qual letra nós não acrescentamos ao nosso alfabeto, nem os Latinos ao seu. Porque não temos figura que denote, como os Gregos, que lhe dão uma só figura assim: *ϑ*, mas figuramo-la com o *t* e *h*, com a qual aspiração se afrouxa a pronunção do *t*. (LEÃO, 1576)

No conto de Ismael de Lima Coutinho, "Tio Jacinto", nota-se a presença do *th* no título do conto. A ocorrência se justifica por se tratar de nomes próprios que guardam as características de sua origem ou marcas de um pseudoetimologismo. Fato que Ismael de Lima Coutinho aborda em sua *Gramática Histórica*, fenômeno de empolgação ortográfica dos escribas.

4.1.3. Saphira

A palavra *safira*, sf. Pedra preciosa, variedade transparente do corindo, de cor azul brilhante em diversos tons, e muito dura. (*Dicionário online de Português*) está grafada no conto com *ph* no lugar do *f* e a razão etimológica é grega.

Em 1907, a *Academia Brasileira de Letras* aprovou a reforma ortográfica e um dos seus artigos citava a proscrição de consoantes insonoras, que é o caso do *h*, e dos grupos gregos substituindo-os por consoantes simples correspondentes. Esses grupos são o *th*, *ph*, *ch* e *rh*, para exemplificar tínhamos as palavras: *orthographia*, *philosophia*, *orchestra* e *rhetorica*, passaram a ser escrita com consoantes simples, ortografia, filosofia, orquestra e retórica.

Mesmo com esse projeto de reforma e simplificação da ortografia portuguesa, a escrita etimológica aparecia, frequentemente, em textos mais contemporâneos. O conto de Ismael de Lima Coutinho nos mostra que resquícios do passado se faziam presentes na ortografia da época.

4.2. Consoantes geminadas

Duarte Nunes Leão (1576) denota que algumas letras se do-
bram nas dicções por natureza das palavras, outras por derivação,
outras por significação, outras por corrupção, outras por variação,
outras por composição. As que se dobram por natureza não se po-
de dar regra, os vocábulos foram compostos à vontade de quem os
inventou.

Os grupos consonantais são formados pelo contacto de consoantes no corpo do vocábulo, quer pertençam á mesma syllaba, quer não. Quanto á posição, podem ser *iniciaes* e *mediaes*, e quanto á procedencia e composição dividem-se em: latinos, românicos, próprios, homogêneos e heterogêneos. (LEÃO, 1576)

Iremos abordar, a seguir, os vocábulos com consoantes geminadas (homônimas) e os grupos consonantais heterônimos presentes no conto "Tio Jacintho", de acordo com a *Gramática Histórica* de Ismael de Lima Coutinho.

- I – Grupos homônimos com L – *aquella, alli, daquelle, estrelas, cabellos, elle, naquelle, intervallos, belleza, colar, fallaciosa, bellissimo*. De acordo com Duarte Nunes Leão (1567), esses vocábulos têm o l dobrado por natureza das palavras sem regra geral.
- II – Grupos homônimos com F – *effeitos*, a razão de tal grafia se dá pelo composto da preposição *ex*, se eles começam em f. *sufficiente*, dá-se pelo composto da preposição *sub*.
- III – Grupos homônimos com C – *succediam*, todos os verbos, que começando em c se compuseram com estas preposições *ob, sub*, e os descendentes deles. No caso *de acceso*, dobram os verbos que, começando na dita letra, se compuseram com a preposição *ad*.
- IV – Grupos homônimos com P – *appareceu, supplicando, p* dobram os verbos compostos que, tendo *p* no princípio, se compuseram com as preposições *ab, ob, sub*.
- V – Grupos homônimos com T – *atenção, attracção*, não há regra ao uso dobrado da consoante *t*.

VI – Grupos heterônimos – no grupo *pt,ct cç* dá-se, muita das vezes, a vocalização do primeiro elemento, ocorrência em *esculptural, distintamente, direcções*.

A partir da exteriorização teórica dos gramáticos citados, o conto evidencia-nos que a escrita da época apresentava notações sistemáticas simultâneas e, a partir das mudanças da escrita, iremos analisar o que a gramática vigente, a *Moderna Gramática Portuguesa* de Evanildo Bechara, traz concernente às regras de escritura de algumas palavras. É imprescindível destacar que o presente estudo recorta apenas os casos de usos de consoantes geminadas ou não e do símbolo etimológico.

5. A ortografia em Bechara

A ortografia portuguesa nesse manual linguístico segue as tendências simplificadoras dos países lusófonos. Sabe-se que, diante do novo acordo ortográfico, o Brasil sofreu mudanças não nucleares e isso não modifica todo sistema ortográfico, apenas alguns. Porém, não há o que se falar em Acordo Ortográfico, pois a abordagem do conto foi em relação ao uso das consoantes. E isso será analisado por Evanildo Bechara em pontos específicos. Vejamos a seguir as ocorrências, segundo Evanildo Bechara (2009)

5.1. O uso do H

Evanildo Bechara (2009) diz que “esta letra não é propriamente consoante, mas um símbolo que, em razão da etimologia e da tradição escrita do nosso idioma”. A recorrência desse símbolo

dá-se de duas formas no interior das palavras, ora formando fone-
mas palatais (*ch, nh, lh*) ora na derivação prefixal, onde o segundo
elemento possui *h* inicial etimológico, para exemplificar, temos as
palavras *pré-histórico, sobre-humano*, entres outras. Além disso, o
ph é substituído por *f*, em nossa ortografia vigente e, de um modo
geral, Evanildo Bechara diz que quando a etimologia não justifica
o uso do *h*, não se emprega.

5.2. Consoantes heterogêneas

Evanildo Bechara chama os grupos heterogêneos de conso-
antes mudas e diz que “conservam-se as consoantes nos casos em
que são invariavelmente proferidas nas pronúncias cultas da lín-
gua: *compacto, convicção, ficção, adepto, apto*, entre outras”
(BECHARA, 2009). Os casos de não pronúnciação foram extintos,
exceto o *s* em palavras como *descer* e o *x* em vocábulos como *ex-
certo*, entre outros.

5.3. Consoantes geminadas

Desde os princípios de base simplificadora de Gonçalves
Viana, as letras dobradas, muito recorrentes no conto "Tio Jacin-
tho", tinham tendência à redução. Com exceção do *rr* e do *ss*, pois
esses figuram um som diferenciado de consoantes simples. Dupli-
cam-se, também, todas as vezes que a um elemento de composição
terminado em vogal se segue, sem interposição do hífen, palavra
começada por uma daquelas letras: *ressentimento, sacrossanto,
autorregulação, minissaia*, entre outras.

6. Conclusão

Considerando que a gramática de Evanildo Bechara está atualizada de acordo com a nova ortografia de 1990, a exploração dos pontos em estudo no conto "Tio Jacintho", de Ismael de Lima Coutinho foi reduzida pelo fato de muitos casos ortográficos terem assumido a forma arcaica. Mesmo assim, foi necessário um estudo da gramática moderna de Evanildo Bechara afim de elucidar os avanços da ortografia no Brasil e corroborar a existência de vários períodos da ortografia notificando a relação entre texto e história. No conto, percebemos a historicidade marcada nas palavras de Ismael de Lima Coutinho, ao ponto de assumir o lugar de pesquisador da gramática histórica tratando assim, em particular, da ortografia histórica. O que se conclui a partir desse estudo é que, mesmo com a forma arcaica de alguns vocábulos no conto, o texto não deixa de ser claro e compreensível, visto que as variedades dizem respeito às notações ortográficas e não fonéticas. Isso era de se esperar, o fato é que os documentos são as maiores provas que elucidam a história de um povo e de sua língua. As manifestações ortográficas no conto são base de estudo para historiadores e linguistas que se interessam na arte de escrever.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Revista, ampliada e atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Fronteira, 2009.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Contos ingênuos de João das Chagas*. Rio de Janeiro: CiFEFiL, [2011, no prelo]

_____. *Pontos de gramática histórica*. 7. ed. rev. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

LEÃO, Duarte Nunes. *Ortografia e origem da língua portuguesa: introdução, notas e leitura de Maria Leonor Carvalhão Buescu*. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1983.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva: curso elementar*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1946.

_____. *Gramática expositiva: curso superior*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1958.

SILVA, José Pereira da. *A nova ortografia da língua portuguesa*. Niterói: Impetus, 2009.

_____. (Org.). *Espólio de Ismael de Lima Coutinho*. Edição digitalizada de seus inéditos e dispersos, manuscritos e datiloscritos, além de sua produção literária. Rio de Janeiro: JM Botelho, 2011.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

VIANA, Aniceto dos Reis Gonçalves. *Ortografia nacional*. Lisboa: Tavares Cardoso, 1904.